

O Códice de Dimas Macedo

Rodrigo Marques

Não consulte dicionários. “Codicípio” está sem verbete. É uma palavra que nasce aqui, no novo livro de Dimas Macedo. A palavra lembra “códice”, um códice misturado com “círio”. Nele, reúnem-se poemas escritos a mão em várias cidades, tal como alguns códices de que temos notícia. Talvez tenha mesmo o perfume dos círios e é só. No fundo, o livro e o seu título estão à beira do silêncio, e no limite entre a palavra e o silêncio, Dimas vem construindo e destruindo suas arquiteturas verbais.

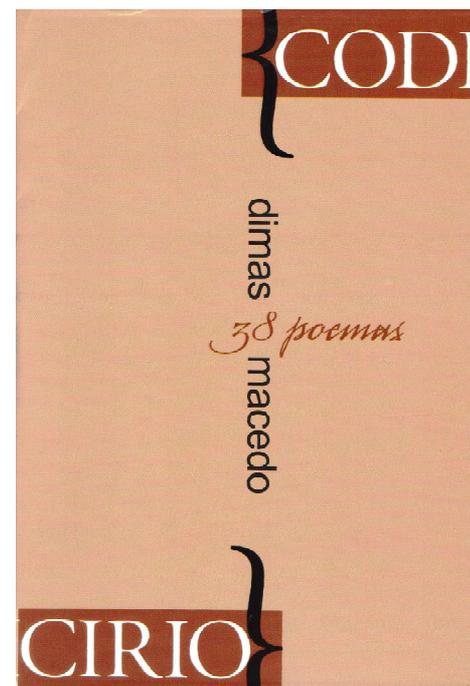
De *Estrela de Pedra* (1994) até *Guadalupe* (2012), o poeta parece ter encontrado sua voz, deixando para trás a tensa experiência poética dos primeiros livros: *A Distância de Todas as Coisas* (1980) e *Lavoura Úmida* (1990), livros que evocam a dicção da geração de 45, mas com temas e linguagens que já definiam um universo criativo próprio: a história de Lavras da Mangabeira e do Rio Salgado; a morte do Pai; a memória afetiva de algo indefinível e precioso; o lirismo incorrigível; a sedução da palavra e o suicídio. Dimas Macedo, na sua aparente clareza, não é um poeta fácil, é um “claro enigma” como diria Drummond. Conseguiu ao longo do tempo fabricar uma voz única, com símbolos próprios, com seus mestres e contramestres e suas dores cravadas. Uma voz que teme deixar a poesia, que quer falar, mas ao mesmo tempo deseja um silêncio profundo, única possibilidade de encontrar-se com o Todo e pôr fim à angústia que o faz escrever/viver.

É assim o seu códice. Ler Dimas Macedo é entrar num universo de um personagem agônico. A persona que ele criou se desdobra quase que infinitamente nos mesmos símbolos e nisto estão a beleza e a unidade de sua obra. Neste sentido, *{Codicípio}* (Fortaleza: Edições Poetaria, 2018) é uma continuação de *{Guadalupe}* que por sua vez é continuação de *O Rumor e a Concha* (2008) e assim até esbarrar em *Estrela de Pedra*. Esta unidade se sustenta sobretudo por uma contenção na escrita: os poemas inspiram mais fôlego, mas logo sofrem um corte, ali, são contidos, silenciados, e isto provoca uma tensão no instante que o leitor toma ar. Talvez o melhor exemplo de suspensão está em “Florência”: o último verso, “e deformei os meus dedos”, da primeira quadra, rompe uma sequência de memória afetiva e a quadra seguinte também é uma ruptura, desta vez, com a primeira estrofe, no entanto, o que não foi dito reaparece na quadra final, numa síntese dos silêncios deixados para trás que arre mata o poema: “A teia dos meus enredos/ per-

deu-se nessas manhãs,/ nas quais as minhas irmãs/ fugiram com seus brinquedos”. Belo artesanato poético, construído de pausas e de palavras, por isto, tantas vezes, Dimas quer ser lido como música, matéria original de toda a poesia.

Aliás, assim como em “Florência”, o uso das quadras está na carpintaria de Dimas Macedo e de *{Codicípio}*. A dimensão da poesia popular sutilmente foi decantando no poeta ao longo dos anos até ganhar um registro incomum: fica latente na quadra (forma popular por excelência), sem ser esquecido, mas tão retrabalhado que as trovas de Dimas Macedo são verdadeiras relíquias poéticas, pois renovam a dicção popular e a atualizam para a contemporaneidade. O poema “Fibra” realiza com extrema precisão a união da tradição dos trovadores nordestinos com o universo daquela persona que mencionei anteriormente: “A vida, ai, a vida/ que nasce das palavras/ é mais do que as Lavras/ da minha despedida”. Uma trova popular, uma trovinha, como se diz, mas no conjunto do poema e da poesia de Dimas se refaz em uma forma própria, pois convive logo em seguida com os seguintes versos: “Na alma uma ferida, / a dor atravessada, / a paz interdita, / a vida não vivida”. Trova, desta vez, cheia de dissonâncias, à Cabral, com uma inusitada intertextualidade com “Pneumatórax” de Manuel Bandeira. É preciso que o leitor perceba as sutilezas das construções de Dimas e, volto a dizer, ele está a construir uma personagem, um teatro para uma voz lírica atormentada pela própria memória, mas que se refrigera na poesia e no silêncio, e parte desta memória é a poética dos cantadores de feira livre.

{Codicípio} e *{Guadalupe}*, livros-irmãos, exploram, além da poesia popular, uma outra faceta do “Códice Dimas Macedo” (que não é o jurista e nem mesmo o poeta), é o personagem de si mesmo, ser de papel, ficção. Aliás, Dimas Macedo, o homem, esta pessoa tão querida dos seus amigos, vai desaparecer, e o personagem que ele criou nos seus poemas vai atormentar ainda os vivos. Mas eu dizia que os dois livros-irmãos exploram uma dimensão do universo poético que é a figuração do cotidiano e do erotismo. O cotidiano, matéria de poesia, foi uma conquista dos poetas modernistas, e Dimas, neste ponto, repousa num dos mestres brasileiros: Vinícius de Moraes. Os poemas sobre as cidades visitadas, verdadeiros cartões-postais, que estão presentes nas primeiras partes dos livros citados, recuperam para a lírica brasileira o prosaico do dia-a-dia, como o poema “Frederico” de *{Codicípio}* que celebra o cardápio de um restaurante de Fortaleza ou outro de *{Guadalupe}*, “Atlanta”, que faz refe-



rência a uma unidade do *Hard Rock Café*. São poemas de circunstância que procuram retirar do fato banal o que ele guarda de poético. Em tempos onde a sensibilidade está sendo aniquilada, a poesia é uma resistência, frágil, mas rompe o asfalto. O erótico, também, à moda de Vinícius e Neruda, permeia os desejos da linguagem destes livros e, em especial, de *{Codicípio}*. O corpo da mulher reaparece na sintaxe, a confirmar que a personagem do códice de Macedo saboreia-se ao dar vazão à sua Anima, ao se deparar com uma *femme fatale* inventada: “Minha querida, o eterno, / é mais do que eterno/ o osso do teu peito. / Fico sem jeito/ olhando o teu vestido/ tão revestido de rosas/ e o corpo tão ardente”.

Por fim, *{Codicípio}* fecha mais uma parceria com o múltiplo artista Geraldo Jesuíno. A poesia de Dimas Macedo não seria a mesma sem os projetos gráficos desse bruxo das artes gráficas. Não há como afastar os poemas de Dimas da espacialidade inventiva criada por Jesuíno que, desta vez, aparece, em carne e osso, no final do livro como entrevistador, deixando Dimas em saias curtas quando vasculha a alma dos poemas.

Não consulte dicionários, caro leitor, os códices e os círios não estão aqui nos sentidos que lhes dão, mas no que lhes pôs um poeta cearense que há mais de décadas burila palavras, lava e as esconde no bolso do paletó. Saravá, Dimas!

Rodrigo Marques é Doutor em Literatura e professor universitário.

Antes de odiar, amar...

Rosani Abou Adal

As pessoas estão se esquecendo de amarem a si próprias. Deixam de amar seus semelhantes e colocam o ódio em primeiro lugar em seus corações.

Urge um apelo para que todos cultivem o amor dentro de si para que possam dividi-lo com seu próximo, quer seja ele o bicho homem, animais e plantas.

Os brasileiros e povos de todas as nações precisam plantar mais amor em seus corações para que o ódio não se dissemine e crie raízes.

Em busca do poder e dos seus próprios interesses, os homens contaminam todos que estão ao seu redor com notícias falsas, fakes news e com a depreciação dos outros em seu próprio benefício.

O pensamento pela coletividade parece minguar diante do egoísmo que assola a humanidade.

O imperialismo egoísta vem manipulando opiniões e destruindo ideias e ideais.

O Planeta está sendo destruído em prol do agronegócio, animais confinados e maltratados, pessoas e crianças escravizadas. Mas nada disso importa, porque todos estão cegos e enxergam apenas seu próprio ego.

“Amar o próximo como a ti mesmo”, mandamento que poderá entrar em extinção se o pensamento individual permanecer sobre o coletivo.

Enquanto os homens forem bichos egoístas e não se amarem como os animais se amam, a premissa antes de odiar, amar... poderá se tornar obsoleta.

Fica nosso apelo: Acorde, bicho homem, antes que seja tarde demais. O Planeta e os animais agradecem.

Rosani Abou Adal é poeta, jornalista e vice-presidente do Sindicato dos Escritores de São Paulo. www.poetarosani.com.br



Carta de Agradecimento

Amaryllis Schloenbach

Querida Rosani:

Quis o destino que, neste setembro findo, eu percorresse uma trajetória inusitada. No início a perda irreparável de Maria Thereza Cavalheiro, minha irmã pelo coração, e que agora, apesar da infinita angústia, tivesse eu a alegria de ver estampada em “Linguagem Viva” a linda e emocionante apresentação que Você fez sobre a partida inesperada dessa criatura tão importante em nosso atuante e sofrido mundo literário.

Não me surpreendeu o desenvolvimento jornalístico da referida matéria, porque sei de sua capacidade, do seu esforço em se esmerar em tudo o que faz. Sei de sua luta para manter um periódico tão especial, em meio a tantas crises e o quanto sofreu quando perdeu nosso querido Adriano Nogueira. Mas Você é guerreira, forte e determinada e vem trazendo à luz grande parte dos acontecimentos mais marcantes em nosso panorama literário, nestas praticamente três décadas desde o surgimento do bem sucedido “filhote” em terras de Piracicaba...

Sei também de seu sentimento de gratidão pelo apoio dessa parceria que colabora despretensiosamente com esse seu projeto. No entanto, o seu empenho tem sido coroado de êxito e Você deve orgulhar-se de estar cumprindo essa missão de forma tão dedicada, honesta e desprendida.

O seu lirismo, sua garra e seu talento fazem de Você uma vencedora também em sua carreira artística, onde demonstra, em seus textos e em sua atuação, o amor que dedica ao ser humano, ao meio ambiente, e consequentemente a Deus.

Obrigada por ter divulgado a trajetória batalhadora de Maria Thereza Cavalheiro, outro exemplo de Mulher que soube dignificar o Divino dom recebido.

Continuado sucesso para “Linguagem Viva” e muitas outras décadas de exercício do Bem nessa sua luminosa jornada!

Sincera e Fraternalmente,

Amaryllis
Primavera/2018

Amaryllis Schloenbach é escritora, poeta, jornalista e tradutora.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 120,00
Semestral: R\$ 60,00

Depósito em conta 19081-0 - agência 0719-6 - Banco do Brasil - Envio de comprovante, com endereço completo, para o email linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -

Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

Débora Novaes de Castro



Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...



Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL



Opções de compra: 1. www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS.
2. E-mail: debora_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

O BRASIL SOB O VIÉS DA POESIA E DA LEITURA

Paulo Clóvis Schmitz

Com endereço na Ilha de Santa Catarina, a Editora Caminho de Dentro acaba de lançar o livro *Em nome da poesia*, de autoria do professor, editor e poeta Alcides Buss (Florianópolis, Caminho de Dentro Edições, 352p, R\$ 49,90).

Em narrativa envolvente, a obra abrange o ciclo da vida nacional que vai da queda de Getúlio Vargas ao apogeu do Governo Lula. Tudo começa na pequena Trombudo Central, no Vale do Itajaí, passa por Medianeira, na tríplice fronteira de Foz do Iguaçu, alarga-se em Joinville, na região industrial catarinense, e desemboca enfim na Ilha de Santa Catarina. Mas não se atém apenas a estas regiões. No fluxo do tempo, desponta inesperadamente nas mais importantes cidades do País, em várias capitais da Europa, da América Central e da América do Sul. Em cada lugar, reconstrói os liames entre o esquecimento e a memória, entre o passado e o presente. Dentro do tempo, cada etapa da vida segue em paralelo com as demais, causando a impressão de simultaneidade.

Vazado em segunda pessoa, a biografia do poeta forma uma espécie de pano de fundo e serve de fio condutor dos eventos sociais, culturais e poéticos. O autor e o poeta se fundem num ser transitório que, através da leitura, pode confundir-se com o leitor em suas próprias vivências e recordações.

Na década de 50 do século passado, após a morte de Getúlio Vargas, uma família de catarinenses decide mudar-se para o Oeste do Paraná. Vai movida pela esperança de dias melhores. Ali, ainda criança, o poeta assiste à chegada do asfalto na BR 277 e à construção da Ponte da Amizade entre o Brasil e o Paraguai. Espanta-se com a coragem dos operários nos altos andaimes sobre o rio Paraná. Mais tarde, chora com o sumiço da cachoeira das Sete Quedas na represa da Hidrelétrica de Itaipu. Sem saber, estava diante de um novo Brasil, projetado com Brasília para crescer cinquenta anos em cinco.



Anos depois, com o objetivo de estudar, o poeta retorna a Santa Catarina, mais precisamente para Joinville. A cidade é vista como virtuoso parque industrial e lugar de trabalho. Na década de 70, porém, uma reviravolta cultural chama a atenção dos brasileiros. Sob o governo de Pedro Ivo Campos, incentiva-se e promove-se a cultura popular e ao mesmo tempo leva-se a arte erudita às praças, às escolas, às igrejas. Por trás de tudo estão artistas, escritores e poetas independentes. A alegria das artes dá novas cores ao cotidiano e novo significado ao trabalho. Mais adiante, tudo culmina na instalação da Escola Bolshoi e na realização anual do Festival de Dança, reconhecido como o maior do mundo.

O poeta-autor é protagonista desse novo tempo. Num sábado ensolarado, artistas locais acompanhados de Fernando Torres e Fernanda Montenegro vão de barco a São Francisco do Sul, caminham nas ruas centenárias e depois retornam, refazendo o caminho dos imigrantes europeus no século XIX. Pura poesia!

Na década de oitenta, o poeta já firmado, o cenário da narrativa se transfere para a Ilha de Santa Catarina. A Universidade abastece o corpo e a alma com novas e vibrantes energias. Ao longo de meses e anos, varais literários espalham a poesia na cidade, nos bairros, nas escolas, nas outras cida-

des, em outros estados e até em outros países. Uma constelação poética se forma no horizonte. Em encontro nacional patrocinado pela Nestlé, poetas do Brasil se juntam para celebrar, entre eles Mario Quintana, Ferreira Gullar e Paulo Leminski. A vida entusiasmava os muitos atores do cenário cultural. Em 1999, ao receber o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal de Santa Catarina, José Saramago se reúne com os poetas e escritores da Ilha. Estava escrevendo o romance *A Caverna*. Descontraído, confidencia: os shoppings atuais são as cavernas do passado.

À maneira das cartas antigas, o livro ainda presenteia o leitor com um P.S. (Post Scriptum). Nele, revela o caso surpreendente da mala esquecida de Jorge Amado. Em 1942, ao deixar o exílio no Uruguai, o autor de *Seara Vermelha* confia a uma amiga a guarda de uma mala. Receava, talvez, levá-la para o seu País. E por lá ficou, por mais de cinco décadas, até ir parar na Ilha. Continha documentos pessoais, anotações, fotografias, poemas e um romance inacabado.

Título do livro:

Em nome da poesia

Autor: Alcides Buss

Caminho de Dentro Edições
editora.caminhodedentro@gmail.com
www.caminhodedentro.com.br

Paulo Clóvis Schmitz é escritor, jornalista, cronista, professor universitário e assessor de imprensa.

Poemas

Dinovaldo Gilioli

quando partir
deixarei como herança

plantado no jardim
um coração de criança

das lutas
nem todas são vãs

nem todas vão
para os divãs

um poema não
precisa de nome

um poema sem nome
é um poema sem dono

dono de si
abre-se em chafariz

Daí a César o que é de César
A Deus o que é de Deus

Ao povo,
migalhas de novo?

Dinovaldo Gilioli é escritor, poeta, contador e diretor da União Brasileira de Escritores de Santa Catarina.
dinogilioli@yahoo.com.br

Sebo Brandão São Paulo

Novo Endereço para melhor atendê-lo:

**Rua Conde do Pinhal, 92 -
ao lado do Fórum João Mendes**

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 -
sebobrandao@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo
<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>

LÚCIO DE MENDONÇA ESTUDANTE EM SÃO PAULO

Rui Ribeiro

Considerado por seus pares como o inspirador da criação da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira n. 11, Lúcio de Mendonça (1854-1909) dividiu sua atividade intelectual entre a literatura e o Direito. Seu legado compreende obra vasta composta de livros de poesia, de ficção e de trabalhos jurídicos. Exerceu várias funções públicas relevantes, chegando a Ministro do Supremo Tribunal Federal e a Procurador Geral da República. Vítimado pela perda paulatina da visão, isolou-se em chácara no bairro carioca da Gávea, onde veio a falecer.

O jovem fluminense, a exemplo de outros, vindos dos mais diversos pontos do país, ingressou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco em 1871, colando grau em 1878. (Teve que se afastar dos estudos durante dois anos por ter sido punido com uma suspensão). Por certo lhe foi prazerosa a permanência na capital paulista, a considerar o título 'HORAS DO BOM TEMPO' que deu às suas memórias da fase. Os seis primeiros capítulos das "crônicas alegres, cheias de recordações daqueles dias", publicados na revista "A Semana" e os três seguintes na "República", ambas impressas no Rio de Janeiro, foram reunidos em livro no ano de 1901, com o acréscimo de contos escritos, a maioria, na mesma época.

Com cerca de 30.000 habitantes, São Paulo era uma cidade modesta nas últimas décadas do século XIX. Localizados na área central, alguns casarões solares margem ruas que, sulcadas pelos carros de bois de vendedores de lenha, transformavam-se em lamaçais com as chuvas. Em razão do insuficiente abastecimento pelos chafarizes disponíveis, que chegaram a secar em dado momento, o fornecimento de água à população se fazia precariamente por vendedores ambulantes ao preço de quarenta réis o barril. A luz soturna dos lampiões a gás mal podia vencer a

garoa frequente, de forma que poucas pessoas se aventuravam a enfrentar a semiescuridão para saídas noturnas. Partindo às desoras das "repúblicas" espalhadas pelas imediações da Faculdade, os acadêmicos tiravam o sossego de pais de família com serenatas à janela de moças casadouras. Nas noites frias reuniam-se em serões ruidosos, regados a muito álcool, declamações e discursos que se prolongavam madrugada afora. Eram porém as façanhas inusitadas as que mais chocavam o povo pacato.

Foi em ambiente assim que viveu Lúcio de Mendonça enquanto estudante nas arcadas. Chamava-se "Comuna" a moradia que o acolheu inicialmente. Ficava num sobrado na atual rua Senador Feijó e tinha como líderes o Luz e o Castilho. Em sua sacada colocaram "... um manequim, ao qual se aplicou um tubo de folha de Flandres, que lhe ia ter à boca e a cuja extremidade oposta, prolongada para dentro da sala, falavam os "comunistas". Única figura que se via à janela, o manequim viajava os mestres que passavam. Outras troças, menos ingênuas, seriam praticadas pelo grupo. A principal foi "o furto de tabuletas identificadoras de casas comerciais". Figuram entre as vítimas a "Farmácia do Veado de Ouro" e a loja de artigos para escritórios "Ao Livro Verde". A famosa botica de manipulação, inaugurada em 1858 e obrigada a encerrar atividades em 2008, chegou a publicar anúncio no "Correio Paulistano" prometendo recompensa de cinquenta mil réis pela restituição do "veado de ouro que lhe servia de emblema". Já a papelaria refez o livro de madeira pintado de verde, que foi furtado novamente e não mais repostado.

Sempre praticando as suas, o Luz infernou a vida do "... Dr. J, célebre catedrático de Direito Civil, que reprovara certa feita". Repetidas vezes quebrava as vidraças da residência do mestre, que as mandava consertar, para no dia seguinte os belos vidros amanhecerem espatifados. Ao final do curso, pregou-lhe mais uma peça. A pretexto

de pedir-lhe perdão pelas loucuras praticadas, procurou-o declarando-se arrependido dos seus desatinos. Como prova de contrição pediu que o professor aceitasse "... um embrulho quadrado, em papel de seda atado com fita cor-de-rosa. Desfeito o pacote apareceu o objeto... uma ferradura!!! Muitas vezes o endiabrado rapaz "... saía à rua, depois da meia-noite, vestido de mulher, armado de uma palmatória do seu tamanho e precedido de um negralhão que levava acesso à cabeça um enorme lampião de querosene". Abordava o primeiro transeunte que encontrava e, identificando-se como "A opinião pública", aplicava-lhe doloridos "bolos", de deixar a mão inchada, em nome da moralidade e da paz das famílias.

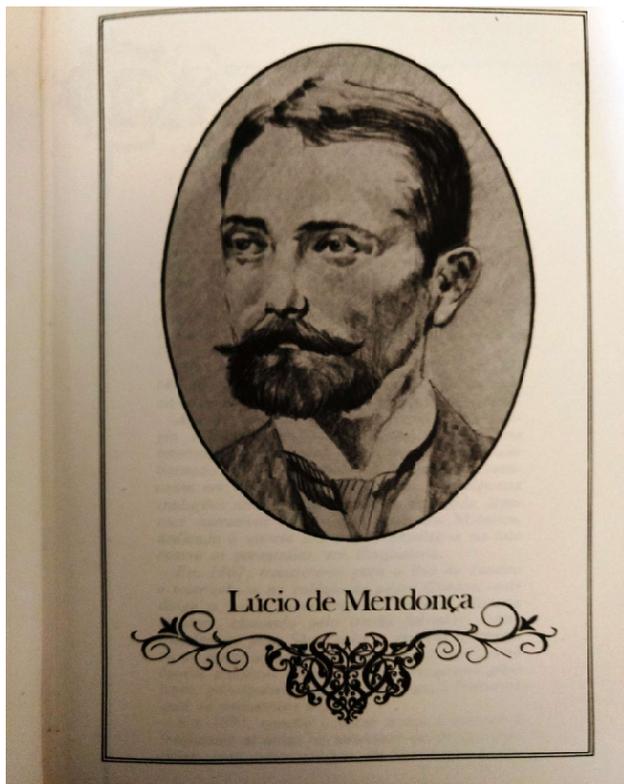
Estão ainda presentes nas memórias do autor tipos populares conhecidos, entre eles o infeliz Padre Bacalhau, também mencionado em páginas de Afonso A. de Freitas, Pires de Almeida e Veiga Miranda. Embora não tendo o nome revelado, reconhece-se facilmente a figura de João Teodoro Xavier de Matos nas descrições. Presidente da Província de São Paulo entre 1872 a 1875, registram-se a seu respeito passagens curiosas. "Excêntrico desde o físico, usava calças de ganga amarela em constante disparate com a sobrecasaca e cartola solene". Consta que "... um dia recebeu em ceroulas e fraldas de camisa um chefe político adversário, que saiu escandalizado e foi para a imprensa". Mandava alterar, de um dia para o outro, a pintura de edifícios públicos que "... uma manhã se viam todos pintados de vermelho e, outra manhã pintados de amarelo – para se levantar esta bela cor do injusto desapareço em que caíra", explicava ele. Independentemente porém das extravagâncias, revelaria grande senso administrativo. Entre outros melhoramentos urbanos, abriu ruas e construiu a "Ilha dos Amores", um recanto aprazível entre os dois braços do rio Tamanduateí, à altura do atual parque D. Pedro II. Sua obra mais controversa foi a edificação jard de um cilindro em alvenaria, com es-

cadadas para acesso interno e cerca de 20 metros de altura – a mais alta construção da época – de cujo topo se podiam avistar pontos longínquos da cidade. Chamou a construção corretamente de Mirante do Jardim da Luz, mas o povo a apelidou de "o canudo do Dr. João Teodoro". Como professor de Direito Civil, divertia-se em ensinar paradoxos aos calouros, promovendo debates destes com alunos mais adiantados e dando estrondosas gargalhadas com os disparates que ocorriam.

A partir de 1873, Lúcio de Mendonça passou a residir "... no casarão amarelo do bairro da Glória", tendo como companheiro o coestadano Ezequiel Freire. A "república" ficava defronte ao "... célebre sobrado onde morara Álvares de Azevedo" ("Chácara dos Ingleses), local em que o poeta da "A Lira dos vinte anos" participava, décadas atrás, com seus inseparáveis amigos Bernardo Guimarães e Aureliano Lessa, dos cultos satânicos dedicados ao amor e à morte, como fieis seguidores da escola byroniana.

Entre os compêndios de Direito e folguados ingênuos, os estudantes conversavam sobre "... literatura, esperanças, castelos encantados, família e glória "... em passeios noturnos pela várzea afora, ao som do coaxar dos sapos. Juntos compuseram os versos do "Duo do amor", transcritos por Machado de Assis na "Semana Ilustrada". Depois, Lúcio foi residir no largo de Santa Ifigênia e, durante as férias, recebeu, surpreso, carta do amigo comunicando-lhe seu casamento. Casara-se "... ainda estudante de preparatórios, e casado fez todo o curso da Faculdade de Direito". O poeta de "Flores do campo" passou a residir com a família na Consolação, entre begônias e orquídeas à cuja cultura se afeiçoara.

O autor reservou as últimas páginas das memórias para comovente homenagem a São Paulo e seu povo. Evocou-a como "... a saudosa cidade acadêmica, nobre, a grande cidade democrática (que o abrigou no) "... tempo do estudo



e do trabalho incessante, dos honrados sacrifícios, das longas vigílias cheias de meditação e de ideal, de íntimos deslumbramentos...” Revê-se a produzir artigos e crônicas dominicais para publicação n’A Província de São Paulo”, jornal “...onde durante três anos acolhi-me a benevolência amiga, onde encontrei, dia por dia, o trabalho fecundo e generoso que me manteve...”

O livro “Horas do bom tempo” foi reeditado em 2003 pela Academia Brasileira de Letras, juntamente

com o resgate da coletânea rara de histórias curtas “Esboços e perfis”, publicado em 1899. O conjunto dessas obras abrange a parte mais significativa da ficção de Lúcio de Mendonça, incluindo o antológico conto “O hóspede” além de outros, concebidos pelo estudante na capital paulista e pelo advogado iniciante em cidades do sul de Minas.

Rui Ribeiro é escritor, crítico literário e autor do livro *Águas fugazes, entre outros.*

PAULO BOMFIM - 92 anos do Príncipe de Piratininga

Di Bonetti

Os poetas tocam os corações emprestando palavras aos sentimentos alheios.

Neste 30 de setembro, o poeta de São Paulo, completou 92 primaveras.

Em tempos de muitos aspirantes ao título de “celebridade relâmpago”, que espaço sobra para os reais gigantes da nossa cultura?

São Paulo se orgulha do filho poeta, Paulo Bomfim.

Lenda viva, com trajetória autêntica, é remanescente da linhagem dos bandeirantes.

É o sexto Príncipe dos Poetas Brasileiros. Sucede aos eruditos Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Olegário Mariano, Guilherme de Almeida e Menotti Del Picchia.

Filho do médico Simeão Santos Bomfim, formado na primeira turma da Faculdade de Medicina de São Paulo e da encantadora Maria de Lourdes Lébeis.

Nasceu em berço coroado de boas influências, já que o lar de seus avós maternos, onde viveu com seus pais boa parte da infância, adolescência, e parte da vida adulta, era frequentada por pessoas que lá deixavam sua essência cultural.

Sua tia, Magdalena Lébeis, cantora, foi a maior intérprete de Villa Lobos. O maestro visitava a residência Lébeis, sempre que vinha a São Paulo.

Outros nomes como Mario de Andrade, Guilherme de Almeida, Tarsila do Amaral e Guiomar Novaes também eram “de casa”.

Homem privilegiado por ter coexistido com uma cultura viva, pulsante, e, não apenas possuidor dela. Suas células respiravam um “movimento significativo”. Conviveu com a maioria dos modernistas da Semana de Arte Moderna de 1922.

Anita Malfatti era amiga e professora de pintura de sua mãe. A modernista retratou o poeta quando jovem. O óleo sobre tela,



Paulo Bomfim

que já participou de grandes exposições pelo país, faz parte de seu acervo particular, valorizando até hoje a galeria de quadros de seu apartamento na Rua Peixoto Gomide.

Tarsila do Amaral ilustrou “Antônio Triste”, o primeiro livro do Paulo Bomfim, prefaciado por Guilherme de Almeida.

A naturalidade com a eclética convivência - o transcendeu a condição de intelectual, onde sua alma sempre foi livre, - liberdade essa que conduz os poetas. Foi contemporâneo de uma época tida como verdadeiro olimpo de cultura.

São tantas convivências com uma intelectualidade refinada e, diversas passagens do poeta, que sua vida tem importância histórica.

O Homem Paulo Bomfim é uma lenda viva! O poeta, imortal.

Aos 92 anos, com memória privilegiada, e boa saúde, os amigos exaltam sua capacidade extraordinária de pontuar informações que, nem o “Google” seria mais rápido, e teria tão profunda pluralidade.

Brindemos! Vida longa ao Príncipe de Piratininga!

Di Bonetti é jornalista, escritora, fotógrafa, curadora e biógrafa do poeta Paulo Bomfim.

Roberto Scarano

Advogado



OAB - SP 47239

Trabalhista - Cível - Família

Rua Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 -
Mooca - São Paulo

Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br

O Rio de Janeiro não continua lindo!

Geraldo Pereira

Passeio no tempo, sinto hoje, que a declaração de amor à Cidade Maravilhosa, já não é a mesma que fiz há seis décadas. Acredito, que nessas seis décadas, nunca me fiz ausente, das terras cariocas, por mais de trinta dias.

O sorriso do seu povo, sua comunicação gostosa, a permanente gíria, dizendo tanto, com poucas palavras, seu futebol alegre, seus clubes, suas torcidas, a crônica esportiva, onde pontificavam Nelson Rodrigues e o seu fluminense. E José Lins do Rego, flamenguista doente.

Lembro-me que na terrinha do meu coração – a cidade do Recife – acompanhava a vida do América de lá, e do meu casamento, com o América do Rio, fazendo-me mudar do bairro de Copacabana para a Tijuca. Paixão arrebatadora, eu queria estar bem perto do meu amor. Sentir as suas alegrias, chorar as suas derrotas. Do América me fiz amante amantíssimo, para sempre!

Na encosta da vida, onde me encontro, constato com imensa tristeza, como tudo mudou. Na Cidade Maravilhosa, hoje não me sinto tão bem... um leve cheiro de depressão. A tristeza se apossa de mim. Os seus bairros, suas ruas, me lembram amigos que já se foram para sempre. Muitos, com quem lidei constantemente. A vida é assim, quando se vive muito, se perde muitos amigos e como é triste perdê-los. Cada um que se vai, leva um pouco de mim.

Passo no Jardim Botânico, pedaço carioca, de visita indispen-

sável, para todos aqueles que visitarem a Cidade Maravilhosa. No bairro do mesmo nome, ali na Rua Acácia, num edifício de classe média, residia Luís Carlos Prestes. O Apartamento Ihe foi presenteado pelo seu amigo e admirador Oscar Niemeyer.

Mais adiante no bairro de Botafogo, residia mestre Barbosa Lima Sobrinho, quantas e quantas vezes almocei na sua casa, a seu convite, em companhia também da sua saudosa esposa dona Maria José. Na festa do centenário do ex-governador de Pernambuco, ex-presidente da Academia Brasileira de Letras, também ex-presidente da ABI, dezenas de admiradores, lá estava a nata da intelectualidade pensante do País, quase todos já nos deram adeus. Hélio Fernandes resiste e há de resistir ainda por muitos anos.

No Largo do Machado, meu velho amigo, saudoso criminalista, Modesto da Silveira, num restaurante de classe média, o único, que eu conheço, no país, a oferecer um rodízio de sopa, com dez sabores diferentes, sempre estávamos lá.

Ali próximo ao Palácio do Catete, no Hotel dos Ingleses, muitas vezes encontrei o saudoso amigo, o escritor Paulo Dantas, nesse mesmo bairro, Dalcídio Jurandir, o grande escritor da Amazônia, residiu durante décadas, na Avenida Atlântica, no posto cinco, a saudade é mais forte. Olho a cobertura, onde por muitos e muitos anos, o genial Oscar Niemeyer se inspirava, para fazer os seus projetos. Um pouco adiante, o jurista Arnaldo Lopes Sussekind e sua bela biblioteca de frente para o mar. Ele que foi um dos autores da

C.L.T. considerado a maior autoridade em Direto do Trabalho do País. Era um papo gostoso, senti muito o seu desaparecimento.

No Centro, o belo edifício da ABI, construído na ditadura de Getúlio e por ele presenteado à Categoria. No décimo primeiro andar, não mais vejo Aparício Torelli, o famoso Barão de Itararé. Cadê Solano Trindade, o grande poeta negro? Cadê Paulo Mota Lima? Seu irmão Pedro há muito que se foi. Cadê José Calheiros Bonfim? Cadê Fernando Segismundo? Cadê MiecioTati? Cadê Jorge do onze?

Próximo à ABI, na Esplanada dos Castelos, o imortal Heráclito da Fontoura Sobral Pinto, tinha a sua banca de advocacia, durante a ditadura militar, mais parecia uma policlínica, de familiares, solicitando remédio, para seus entes queridos que estavam presos. Esse remédio tinha um nome: Liberdade! Sobral Pinto foi o segundo maior advogado, que o Direito brasileiro produziu em toda a sua existência, o primeiro foi Ruy. Nos períodos ditatoriais, de 37 e 64, ele que era Católico Apostólico Romano, conservador, reacionário e anticomunista, mas, defendia os comunistas, sem cobrar-lhes um centavo. Certo dia perguntei a este sábio advogado, quase santo, por que ele, sendo católico, defendia os comunistas? Respondeu-me, com aquela voz meiga: "Ser devoto de Santo Agostinho, odiar o pecado, mas amar o pecador."

Há alguns metros do escritório do Sobral, residia Manuel Bandeira, quantas e quantas vezes, estive com essa admirável figura, poeta maior, chamou-o Carlos Drummond de Andrade.



Paulo Dantas

Caminho pela rua México, vejo a sobreloja, onde o saudoso Antônio Simões dos Reis tinha a sua editora – Organização Simões, lá fui apresentado por ele ao poeta Drummond, isso na década de 50. Simões tinha editado o seu livro *Passeio na Ilha, um sucesso!*

Caminho pelo Leblon. Estou na rua General Artigas, sentido praia. Ali morava o General José Arnaldo Luis Calderari, meu companheiro na diretoria do América e da Federação Carioca de Futebol. General de exército do Exército Brasileiro. Homem sério, digno de minha admiração.

Certo dia o visitei, era seu aniversário, já estava na reserva. Notei não estar alegre. Pedi à esposa a garrafa de uísque e me serviu. Papeamos bastante. Saímos do futebol. Ouço-o:

- "Antes o telefone não parava de tocar. Telegramas chegando. Algumas lembranças."

Digo-lhe: "Isso faz parte do jogo da vida, meu caríssimo amigo, General Calderari."

Que Deus o tenha em bom lugar!

Geraldo Pereira é escritor e jornalista.
geraldojornalista@gmail.com

Rosani Abou Adal

Tem poemas traduzidos para o francês, inglês, espanhol, italiano, húngaro e grego.

www.poetarosani.com.br

Profa. Sonia Adal da Costa

**Revisão
Aulas Particulares**

Tel.: (11) 2796-5716 - 97382-6294
soninhaabou@gmail.com

Livros



70 Anos da Casa do Poeta de São Paulo (Casa do Poeta “Lampião de Gás” de São Paulo) 1948 - 2018, antologia organizada por Wilson de Oliveira Jasa, Jasa Produções Editora, 128 páginas, São Paulo (SP).

A capa é de Alexandre Jazara.

A obra foi editada em comemoração aos 70 anos de fundação da Casa do Poeta de São Paulo que foi fundada, em 7 de novembro de 1948, por Colombina - Yde Schloenbach e um grupo de poetas.

A Casa do Poeta teve como presidentes Yde (Adelaide) Schloenbach Blumenschein (1948 - 1963), Bernardo Pedroso (1965- 1941), Antônio Lafayette Natividade Silva (1972 - 1977), Benevides Beraldo (1977 - 1979), Adélia Victória Ferreira (1979 - 1987), Aristóteles de

Lacerda Júnior (1987 - 1989) e Walter Rossi (1989 -2001). É presidida por Wilson de Oliveira Jasa desde 2001.

A obra reúne poemas, de 66 autores da Casa do Poeta e convidados, de Adélia Victória Ferreira, Adilson Olar da Silva, Adriano Augusto da Costa, Adriano Augusto da Costa Filho, Alda Maria Ferreira, Alexandre Jazara, Andrei Ribeiro Zucareli, Ângelo Rodrigues da Silva, Antenor Marreiros, Armando A. C. Garcia, Beatriz Helena Ramos Amaral, Celso Cesario Motta, Chico Luz, Christian Caetano Zucarelli de Souza, Cícero Pedro de Assis, Clara Di Lucenna Khalluh, Clayton Sena, Cris Lombardi, Cynthia Theodoro Porto, Daniel Blume, Daniel José Teixeira, Darcy Reis Rossi, Di Sawalla, Enivaldo do Valle, Francisco de Assis Assley Faos, Géssica Guimarães Santos, Hélio Militão, Henrique Takimoto Jasa, Ilda Sizue Miyagusuku, Isabela Dianni Bertazi, Ivan Ferretti Machado, Ives Gandra da Silva Martins, Joana Baraúna da Silva, Joel Oliveira, Joelma Barbosa, José Antonio Alves Neto, José Arnaldo dos Santos, Jovina Rulli Bovino, Kátia Florêncio, Lacerda Júnior, Lara Ribeiro Zucareli, Marcus Renato Cassawara, Maria Aparecida de Mello Calandra, Maria Benedita Zucarelli, Maria José de Queiroz Ribeiro, Maria Rodrigues Dias, Maria Salette Santos Lima, Marly Rondan, Martins Neto, Maura Fernandes, Nice Sollero, Nide Fontana Beccaccia, Noemi de Carvalho Moura, Odenir Follador, Odila Placência, Omar da Rosa Santos, Paulo Dias Neme, Sebastião Simão, Sheyla Cruz do Valle, Sueli Andó, Telma Teodósio dos Santos Rodrigues, Terezinha Dantas, Vilma de Fátima Barbosa, Waldir Giusti, Wilson de Oliveira Jasa e Wilson Roberto de Oliveira Jasa.

Wilson Jasa: wilsonjasa@gmail.com

XAVI
CARICATURAS e ilustrações
Xavier
(14) 3732-1262
(14) 99161-0675 - vivo
(11) 97958-6182 - tim
xavierlima@terra.com.br
xavierdelima1@gmail.com
xavierdelima1.wixsite.com/xavi

Ela me tira para dançar, de Jorge Claudio Ribeiro, Editora Patuá, São Paulo. ISBN: 9788582976470.

O autor é escritor, jornalista, editor e professor há 50 anos. Realizou pós-doutorados em Sociologia da Religião em Paris, Nova York e Campinas.

Em companhia da musa, que é corpórea e etérea, que é uma e muitas, ele remexe sua memória amorosa e espiritual à cata de respostas para as questões cruciais, sussurradas pelo poeta: “Valeu a pena? Ainda vale? Valerá?”. Em seu acerto de contas, que sabe inadiável, ele empreende a visitação a momentos e pessoas que marcaram sua existência. Nessa travessia, palmilha os meandros da religiosidade pós-moderna, nos quais se misturam epifanias, iconoclastia, sexualidade e pitadas de heresia.

Editora Patuá: <https://editorapatua.minhalojanouol.com.br/>



O Homem e a Palavra - Estudos e Comentários sobre Literatura, de Alaor Barbosa, 2ª edição, Editora Kelps, Goiânia (GO), 346 páginas.

ISBN: 978-85-400-2375-8.

O autor é escritor, advogado, jornalista e membro da Academia Goianiense de Letras.

A obra reúne textos que foram publicados nos jornais *O Popular*, *Folha de Goiás*, *Diário da Manhã*, *Jornal de Letras* e *Suplemento Literário de Minas Gerais*; e nas revistas *Humanidades* e da *Academia Brasileira de Letras*.

Editora Kelps: <http://www.kelps.com.br/>

Anárquica de Horácio Peludo, ficção humorística, de Cláudio Feldman, Editora Taturana, Santo André (SP), 80 páginas.

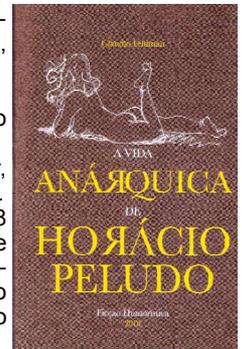
ISBN: 978-85-922572-1-7.

As ilustrações são de Perkins Teodoro Moreira.

O autor é escritor, poeta, professor, editor, artista plástico, teatrólogo e roteirista de cinema.

O texto, segundo o autor, foi escrito em 1978 e concluído em 1986, respeitando a integridade do mesmo não atualizando a ortografia e sem interferir em alguns pontos de vista, que hoje, não mais defenderia. As mudanças ficaram a cargo do próprio Horácio, o rei das metamorfoses.

Cláudio Feldman: claudiofeldman@uol.com.br



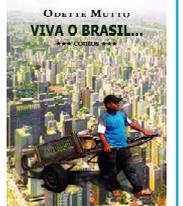
VIVA O BRASIL... de Odette Mutto

Livraria Asabeca - www.asabeca.com.br - Link direto: <http://www.asabeca.com.br/detalhes.php?sid=14062017135017&prod=7981&friurl=-VIVA-O-BRASIL--Odette-Mutto-&kb=669#.WUFpCFXyuM8>

Livraria Cultura - www.livrariacultura.com.br
Link direto: <http://www.livrariacultura.com.br/p/livros/literatura-nacional/contos-e-chronicas/viva-o-brasil-46412605>

Livraria Martins Fontes Paulista - www.martinsfontespaulista.com.br
Link direto: <http://www.martinsfontespaulista.com.br/viva-o-brasil-534465.aspx/p>

Cia dos Livros - www.ciadoslivros.com.br - Link direto: <http://www.ciadoslivros.com.br/viva-o-brasil-contos-745138-p627207>



Notícias

divulgação



Zíbia Gasparetto

Zíbia (Milani) Gasparetto, escritora e médium, faleceu no dia 10 de outubro em São Paulo. Nasceu, em Campinas (SP), em 29 de julho de 1926. Durante 68 anos se dedicou ao espiritismo. Tem 58 obras publicadas, com mais de 18 milhões de exemplares vendidos. Autora de *O amor venceu*, *Eles continuam entre nós*, *A vida sabe o que faz*, entre outras importantes obras. A coletânea de crônicas *Conversando Contigo!*, que reúne textos publicados na revista *Contigo*, é o único livro de autoria da Zíbia, os demais psicografados. Suas obras já foram traduzidas para o espanhol, inglês e japonês.

A Monja Coen e o professor Clóvis de Barros Filho lançaram, pela Editora BestSeller, *A monja e o professor*.

Astrid Cabral lançou, pela Editora Valer, o livro de poemas *Intima Fuligem*.

José Levindo Brasileiro, escritor, romancista, contista, poeta e primeiro presidente da Associação dos Escritores de Passos e região - Escritores & Cia, faleceu no dia 28 de setembro em Passos (MG). Nasceu, em Passos (MG), em 16 de maio de 1939. Era médico e professor de Segurança Médica do Trabalho graduado pela Faculdade de Ciências Médicas de Belo Horizonte (MG).

Elifas Andreato lançou, pela Editora Palavras Projetos Editoriais, *A Maior Palavra do Mundo, uma Fábula Alfabética* que é indicada para crianças a partir de 6 anos. A fábula de Elifas Andreato, musicada por Tom Zé, que através dos inventivos traços do ilustrador Fê deu forma simbólica, criativa e irreverente ao mundo das letras, do Silêncio e da Criatividade. O CD *Sem você não A - Uma fábula Alfabética*, de Tom Zé e Elifas Andreato, disponível em www.youtube.com/watch?v=qC7ViDQosu0.

Os Planetas de Ziraldo, exposição dedicada a Ziraldo em comemoração ao seu aniversário e por ocasião da inauguração do Espaço Cultural e do Centro da Memória, ficará em cartaz de até 22 de dezembro, das 9 às 21 horas, no mês de outubro e novembro de quarta a sábado, e no mês de dezembro de quinta a domingo, na Casa Melhoramentos, Rua Tito, 479 – Vila Romana, em São Paulo. Também será apresentada a exposição *Melhoramentos 128 Anos*. Para a visitação de escolas, fazer agendamento pelo e-mail eventos@casamelhoramentos.com.br ou pelo telefone (11) 3874-0913.

Orixás, Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo, de Pierre Fatumbi Verger (1902 - 1996), ganhou nova edição para marcar os 30 anos da Fundação Pierre Verger. A obra, esgotada e uma das mais completas sobre o assunto orixás, abriga novo projeto gráfico, algumas fotos inéditas e prefácio assinado por Mãe Stella de Oxóssi, Ialorixá do Axé Opô Afonjá. www.pierreverger.org

Lucy Vargas, jornalista e escritora, lançou o romance *A perdição do Barão* pela Editora Bertrand Brasil do Grupo Editorial Record.

Marcelino Freire lançou *Bagageiro*, coletânea de pequenas histórias entremeadas por comentários sobre a escrita, o país, o mundo, a vida literária e a não literária, pelo Grupo Editorial Record.

Revista Experimental - 50 anos depois, obra de Alcir Neves dos Santos, Céu Brandão, Ivan Dórea Cância Soares, Luiz Fernando Dórea Hupsel de Oliveira, Sérgio Mattos e Thadeu J. Cruz, foi lançada pelo Centro de Estudos das Ciências Humanas, através das Edições Humanitatis, em comemoração ao cinquentenário do número um do importante periódico, editado por Sérgio Mattos e Ivan Dórea Cância Soares e Thadeu J. Cruz (secretário), que circulou com três edições publicadas em setembro de 1968, janeiro de 1969 e setembro de 1969.

Ivaldo Bertazzo, professor e coreógrafo com experiência no estudo do movimento, lançou *Fases da vida: da gestação à puberdade* pelas Edições Sesc.

Silviano Santiago, com a obra *Machado*, foi o vencedor na categoria Em Prosa de Ficção do Prêmio Rio de Literatura. Na categoria Ensaio foi agraciado Paulo Cesar da Costa Gomes, com *Quadros geográficos*; em Poesia, Adelaide Ivánova com *O martelo*.

A National Geographic dará apoio para a restauração do Palácio Imperial destruído com o incêndio do Museu Nacional do Brasil no Rio de Janeiro, no dia 2 de setembro. Isso incluirá a realização de oficinas de redação de subsídios no Brasil com pesquisadores e conservacionistas afiliados ao Museu Nacional. Também será produzido um documentário de uma hora para mostrar ao mundo a inestimável herança cultural do museu e sua perda incalculável.

Machado de Assis na BBM: primeiras edições e raridades, exposição que reúne obras raras de Machado de Assis, jornais e revistas com escritos machadianos, ficará em cartaz até o dia 22 de novembro, de segunda a sexta-feira, das 8h30 às 17h30, na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, Rua da Biblioteca, 21 – Cidade Universitária, em São Paulo. A curadoria é do professor Hélio de Seixas Guimarães, pesquisador da área de literatura brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

A 18ª Edição da Primavera Literária, promovida pela Liga Brasileira de Editores de Livros, será realizada de 18 a 21 de outubro, no Museu da República, Rua do Catete, 153, no Rio de Janeiro. <http://libre.org.br/>

A 3ª Flipira - Festa Literária de Piracicaba, organizada por Carmen Pilotto, Ivana Negri e Raquel Delvaje, será realizada de 19 a 21 de outubro, em Piracicaba (SP). É promovida pela Academia Piracicabana de Letras, Centro Literário de Piracicaba, Grupo Oficina Literária de Piracicaba e Recanto dos Livros. Conta com o apoio da Prefeitura Municipal de Piracicaba, Secretaria de Ação Cultural e Turismo, Biblioteca Municipal de Piracicaba, Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes, Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, Editora Audaxia, Oji Papéis Especiais, EB Produções Artísticas, Rádio Educativa FM. Serão homenageados o poeta Castro Alves, o Príncipe dos Poetas Piracicabanos Lino Vitti e Sarau Literário Piracicabano pela sua saudosa coordenadora Ana Marly de Oliveira Jacobino

A Exposição Um recorte sobre a obra de Thales Castanho de Andrade e seu livro Saudade, com a curadoria de Sonia Maria De Stéfano Piedade e Carmen Pilotto, ficará em cartaz até o dia 17 de novembro, na Biblioteca Municipal de Piracicaba Ricardo Ferraz de Arruda Pinto, Rua Saldanha Maranhão, 333, em Piracicaba. <https://www.facebook.com/Flipira/>

Mariana Ianelli, escritora e poeta, estreou na literatura infantil com o lançamento de *Bichos da noite*, pela Editora Positivo, com ilustrações de Odilon Moraes.

O Prêmio ABEU 2018, promovido pela Associação Brasileira das Editoras Universitárias, realizará a solenidade de premiação no dia 5 de novembro, às 18h30, na Cinemateca Brasileira, Largo Senador Raul Cardoso, 207, em São Paulo. www.premioabeu.com.br/



ART CARTON COMÉRCIO E GRÁFICA LTDA.

SOMOS ESPECIALIZADOS EM:

CARTÕES DE VISITA • RELEVO AMERICANO
 ENVELOPES • FOLDER'S • FOLHETOS
 TAG'S PARA ROUPAS • EMBALAGENS
 CAIXAS E IMPRESSO EM GERAL

RUA PASCOAL SOLDÁ, 01 • 03059-020 • BELÉM • SÃO PAULO • SP
 FONES: (11) 2693-7253 • 2695-9258 • 3229-8996
 99910-2357 ☎ 99451-6300 ☎

E-MAIL: graficaartcarton@uol.com.br • tarzangrafica@uol.com.br